

## EM PRESENÇA DE UMA BOA PROSA: A CRISE DA HERMENÊUTICA E AS RESPOSTAS DE GUMBRECH SOB AS LUZES DE DIDEROT

### IN THE PRESENCE OF A GOOD PROSE: HERMENEUTICS CRISIS AND GUMBRECH'S ANSWERS UNDER DIDEROT'S PERSPECTIVE

**Thales Biguinatti Carias**

Rede básica de ensino do estado de Mato Grosso (SEDUC-MT).

Doutor em história pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS-UFMT).

E-mail: [thales.carias@gmail.com](mailto:thales.carias@gmail.com)

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Prosa do mundo**: Denis Diderot e a periferia do iluminismo. Ana Isabel Soares (tradução). São Paulo: Ed. UNESP, 2022.

O já rico acervo dos títulos de Hans Ulrich Gumbrecht vertidos ao português brasileiro ganha densidade com a publicação de “Prosa do mundo”. Intelectual de fôlego, Gumbrecht dedica esse livro à tarefa de apreender, tanto quanto possível, o estilo da escrita de Denis Diderot.

Muito mais difícil do que aparenta, tal objetivo é percorrido por Gumbrecht em constante diálogo com as premissas teóricas por ele desenvolvidas. É necessário sublinhar o quanto há de convergente entre a escrita de Diderot e os postulados teóricos previamente estabelecidos por Gumbrecht. Em que medida isso é uma convergência de fato e em que medida é o autor quem busca, numa figura marcante, um antecedente possível para suas ideias? A pergunta é difícil de ser respondida e, sinceramente, o rigor metodológico junto à generosidade de Gumbrecht nas



contextualizações e amparo documental nos levam a crer, sem preocupações, na primeira alternativa.

Entretanto, o perigo é constante e o autor parecia ciente disso enquanto escrevia, já que fechou sua obra trazendo ressalvas importantes sobre o que propõe desde o início, a saber, a afinidade que Diderot teria com os problemas epistemológicos caros ao século XXI:

(...) Ao mesmo tempo, e com fundamentos semelhantes, devemos evitar pensar nas possíveis afinidades entre o estilo intelectual de Diderot e alguns desafios do nosso século XXI como mediados por uma “continuidade genealógica” ou, mais inadequadamente ainda, pela trajetória de um “desenvolvimento histórico”. Por várias razões essenciais, não consigo imaginar uma verdadeira semelhança estrutural entre a nossa vida e a de Diderot. Uma comparação potencial entre as duas situações teria de ocorrer a um nível tal de abstração tipológica que a torna irrelevante para nossos propósitos<sup>1</sup>.

Essa chamada é importante porque as proposições de Gumbrecht estão, justamente, na contramão de uma história linear/progressiva, de cunho evolutivo ou o que mais se queira. Em contrapartida, a própria hipótese central de trabalho do professor parece flertar com essa concepção da qual ele pretende renunciar.

Segundo Gumbrecht, o iluminismo do século XVIII gestou duas posturas intelectuais de cunho totalizante porque buscavam construir, junto às próprias premissas filosóficas, uma atitude correlata na vida pública e política. Tais posturas foram paradigmáticas tanto ao século XIX quanto ao século XX, de modo tal que poderíamos, de acordo com Gumbrecht, associar tais séculos às figuras de Voltaire e Rousseau, respectivamente.

Assim, liberdade e igualdade teriam sido objetivos percorridos em consonância com programas filosóficos coesos e coerentes, numa atitude que reflete o idealismo como perspectiva de construção do conhecimento a partir do espírito e da razão. Voltaire e Rousseau estariam, portanto, com um lugar cativo garantido na história das ideias ao passo que Diderot, pela ausência de pensamento programático, coeso e politicamente engajado, seria reconhecido mais pelo empenho de ter levado a cabo o projeto da enciclopédia do que por uma característica intelectual bem delineada.

Como se pode perceber, é no próprio estabelecimento da problemática e da hipótese de trabalho do professor Gumbrecht que vemos seus apontamentos correrem o risco de

---

<sup>1</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Prosa do mundo**: Denis Diderot e a periferia do iluminismo. Ana Isabel Soares (tradução). São Paulo: Ed. UNESP, 2022, p. 350.

caírem em falso, como que girando no próprio eixo. Isso porque como haveríamos de comprar a hipótese de uma condição análoga à de Voltaire e Rousseau para os séculos XIX e XX, no caso de Diderot para o século XXI, sem incorrer no tal “nível de abstração tipológica”, do que envolve, notadamente, um pressuposto da história das ideias no seu sentido mais clássico de conjunto de autores e obras dispostos segundo uma determinada inteligibilidade?

Para que a resposta seja efetiva, e Gumbrecht nos conduz de modo a nos convencer dessa efetividade, é preciso antes encarar o problema inicial, ou seja, compreender a proposta de pensar Diderot como intelectual que atrai as atenções do século XXI a partir do estilo de sua obra. O desafio, portanto, é tentar estabelecer esse estilo sem recorrer aos fundamentos metodológicos que pressupõem aquilo que o próprio Gumbrecht deseja questionar.

Equação difícil, a busca pelo estilo de Diderot mostra-se problema de primeira ordem porque a proposta de Gumbrecht é, justamente, conceber que seu estilo está na dispersão, na ausência mesma de um programa e de uma coerência para sua obra. Ora, quando falamos de estilo, estando dentro ainda dos parâmetros da história das ideias que se busca combater, estamos falando também de identidade e de singularidade de um autor enquanto construção de um padrão de escrita que possa destacá-lo dos demais autores de seu tempo ou de seu círculo social.

A primeira questão que envolve esse problema, e que parece sintetizar os esforços de Gumbrecht, é a da identificação de uma ou mais obras que possam sugerir uma ideia nuclear segundo a qual gravitaria o sistema de pensamento deste ou daquele autor. No entanto, a dispersividade de Diderot vai na contramão desta tendência. Sua profusão de temas, ideias, situações, contextos e cenários não pode ser agregada numa ideia nuclear como “liberdade” ou “igualdade”, preferindo então Gumbrecht caracterizar a obra de Diderot como regida por forças centrífugas.

Aqui temos o ponto alto, aquele que demonstra a envergadura analítica do professor Gumbrecht, pois ele destaca que a fortuna crítica de Diderot debate-se com esse problema sem admitir um estilo para o autor ao passo que o que está em jogo não é se ele tem ou não um estilo, mas se esse estilo corresponde às expectativas dos historiadores e críticos que se encarregavam de analisar a obra diderotiana.

Gumbrecht, então, vai a Jean Starobinski para mostrar como o crítico suíço dá importantes pistas para a caracterização deste estilo, ainda que não tenha levado a cabo essa empreitada. O que Gumbrecht faz é seguir o rastro destas pistas e reformular a

discussão a partir de seus postulados teóricos expostos em inúmeros escritos, dentre os quais podemos destacar o livro “Produção de presença”<sup>2</sup>.

Em “Produção de presença”, Gumbrecht irá discutir, mais detalhadamente, o pressuposto teórico básico que irá fundamentar a sua busca pela apreensão do estilo de Diderot. Para ele, a análise com base na percepção exclusiva do sentido, entendendo aqui sentido como uma camada interpretativa construída pelo ato de leitura enquanto atividade etérea, sagrou-se hegemônica na tradição ocidental desde Descartes. Nessa concepção, a separação entre ideia e mundo é não só possível como almejada, deixando o espírito como estatuto principal da atividade da razão.

Essa visão acabou por negligenciar um dos potenciais mais importantes da literatura e das artes em geral, qual seja, o de construir presença a partir da linguagem. Para Gumbrecht, a linguagem tem a capacidade de tornar presente os objetos do mundo, garantindo ao discurso literário a prerrogativa de presentificar um dado objeto que, à luz das teorias pós-estruturalistas, por exemplo, não passaria de um mero jogo discursivo de simulação e representação.

A partir daí, vemos como o não-estilo de Diderot é mais uma incompatibilidade com os pressupostos de um meio intelectual construído com base no sentido do que uma ausência de estilo de fato. O que Gumbrecht nos mostra é que a escrita dispersiva de Diderot se constitui num estilo justamente porque sua dispersão demonstra um contato demorado e fruído com as coisas do mundo. Para Diderot, o singular, o particular, o que envolve dizer, as coisas do mundo tal como se apresentam, é o que caracterizam sua atenção e esforço intelectuais.

Nesses termos, o estilo diderotiano está livre da clausura de uma cultura de sentido para ser, então, apreciado pela perspectiva da cultura de presença<sup>3</sup>. Assim, entendemos melhor o subtítulo do livro que, por sua vez, tem uma força sintetizadora do problema em questão: uma vez que Voltaire e Rousseau constituíram-se como o centro das conquistas iluministas porque estavam em correspondência com a cultura de sentido, Diderot passa à periferia do iluminismo não por uma condição pessoal de autor menor, mas por dialogar mais com a cultura de presença do que com a cultura de sentido.

---

<sup>2</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

<sup>3</sup> A distinção entre culturas de sentido e de presença é trabalhada pelo professor Gumbrecht em artigo pretérito e me parece interessante para sintetizar esse “lugar periférico” segundo o qual o autor pretende situar Diderot no seu atual livro. Ver: GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A presença realizada na linguagem**: com atenção especial para a presença do passado. *História da historiografia*. Ouro Preto. N. 3, setembro, pp. 10-22, 2009.

Isso explica, também, porque Gumbrecht defende a pertinência de Diderot para a contemporaneidade, já que uma obra que não possui um sentido e um objetivo últimos, como a Enciclopédia, não pode ser considerada obra do mesmo estatuto das grandes interpretações filosóficas e políticas volterianas e reousseaunianas. No entanto, não estaria a contemporaneidade sentido uma necessidade de abdicar dos grandes projetos políticos e parar um pouco? Essa resposta, particularmente, não a tenho, mas é o que o discurso de Gumbrecht insinua a todo momento.

Essa necessidade de deter a marcha do tempo histórico como prerrogativa da contemporaneidade parece encontrar em Diderot um exemplo importante. É o que Gumbrecht afirma desde o seu “Produção de presença”. Curiosamente, no final do livro, ao dedicar-se às implicações políticas (ou diríamos apolíticas) de sua visada teórica, emerge a figura de Diderot como exemplo dessa outra forma de lidar com o mundo e com seus objetos. A discussão que Gumbrecht faz, apenas de passagem, nesse momento derradeiro de “Produção de presença” é o próprio ensejo que ele retoma para iniciar seu “Prosa do mundo:

Sei agora que nunca me permitirei chamar a um dia “um dia perfeito” sem ter a certeza que o que foi bom nele para mim conquistou o meu corpo – ao ponto, de fato, de me dar a sensação de que, de algum modo, eu fui a corporificação daquele dia perfeito. Se esta frase parece estranha e perigosamente tautológica, posso dar, como descrição alternativa, a minha impressão de que quando falo, tantas vezes com demasiada ênfase e entusiasmo, sobre a presença refiro-me principalmente a essa sensação de ser a corporificação de algo. Do mesmo modo que um lago é progressivamente preenchido pelo movimento de uma onda, um dia perfeito, penso, pode muito bem parecer perfeito, pelo menos em retrospectiva, por ter sido preenchido por aquele breve momento de alegria intensa que me atingiu, incluindo o meu corpo, em determinado instante – mas o dia perfeito, claro, também pode ser feito daquele momento de intensa tristeza, de uma tristeza negra que se afunda nos meus órgãos. Para Denis Diderot, um dia perfeito era um dia em que ele e os amigos se juntavam na alegria de “deixar as coisas acontecerem”; quando era possível, feliz e presente, qualquer prazer e qualquer ocupação temporária (desde discussões políticas até o cuidado com a maquiagem) – porque nenhuma dessas ocupações tinha um objetivo<sup>4</sup>.

Como dito acima, a menção a Diderot será retomada em “Prosa do mundo” para definir o que Gumbrecht chama de a “generosidade de Diderot”, que é a abertura e aceitação do filósofo a qualquer circunstância ou situação que se lhe apresenta, sendo a sua prosa compacta e objetiva marca estilística desta generosidade. Esse é o primeiro dos

---

<sup>4</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. Op. Cit., 2010, p. 168.

elementos que, conforme Gumbrecht, configurariam esse estilo diderotiano fora da cultura de sentido.

Outro momento importante para compreendermos isso é quando Gumbrecht identifica, nas “Obras completas” de Hegel, menções marginais a “O Sobrinho de Rameau” e a “Jacques, o fatalista”. Nessas menções, Hegel identifica Diderot como escritor cujos pontos de atenção são avessos ao idealismo do autor de “Fenomenologia do Espírito”. A escrita de Diderot escapa ao suprasumir como marcha histórica e, para esse fenômeno, Hegel cunha o conceito de Prosa do mundo como um outro caminho viável, onde o filósofo dedicar-se-á a estar em relação constante com as coisas e os objetos, instância corpórea mesmo, que escapa à razão como via única de acesso ao espírito.

A partir destas grandes coordenadas, Gumbrecht estabelece os princípios básicos para entrarmos em contato com a obra de Diderot e sua Prosa do mundo. A análise que ele faz de “O sobrinho de Rameau” nos mostra como a tensão entre o filósofo e o músico, por mais que o filósofo seja construído a partir da ideia de identificá-lo ao próprio Diderot, encaminha para a prevalência do músico enquanto ser sensível ao mundo como se apresenta, constituindo uma outra forma de existência, interessada mesmo na relação metabólica com as coisas do mundo.

A relação metabólica será melhor desenvolvida no capítulo quinto, quando Gumbrecht dedicar-se-á ao “Sonho de d’Alembert” para mostrar como o diálogo ficcional de Diderot com seu amigo de Enciclopédia, Jean le Rond d’Alembert, em estado febril/delirante e em paralelo com as personagens também reais da Mlle. l’Espinasse e o médico Bordeu não irá usar o materialismo como espécie de bandeira filosófica a ser empunhada, mas como maneira de ser e de existir com base na ciência materialista. É como se o materialismo, para Diderot, fosse uma das formas segundo as quais ele está no mundo.

Se esses dois capítulos se dedicam a questões existenciais a partir da cultura de presença, os capítulos quarto e sexto, por sua vez, dedicam-se a compreender como o sujeito diderotiano se situa no mundo.

Para isso, Gumbrecht trabalha com as noções de contingência e de juízo, destacando que o uso do termo contingência não compreende a noção mais americanizada segundo a qual a contingência seria uma espécie de determinante cega das coisas tais como ocorrem, escapando a qualquer tipo de abertura. Pelo contrário, o uso do termo que Gumbrecht faz na acepção alemã (*kontingenz*), denota um estado de coisas onde todas as possibilidades estão contidas na equação, ficando os rumos do processo dependentes da escolha do

sujeito diante de tal ou qual situação. Assim, a noção de juízo como operação técnica de escolha diante das possibilidades é levada à crítica de arte diderotiana nos seus “Salons”, de modo que percebemos como o autor não se preocupava em manter qualquer tipo de coerência programática, mas apenas em se relacionar com a obra no instante em que ele e ela se encontram.

Esse breve passeio pelos capítulos nos mostra como Gumbrecht encadeia sua argumentação e parece preparar sua conclusão dedicando-se, justamente, a compreender o lugar ocupado pela “Enciclopédia” nessa cultura de presença nutrida por Diderot. Por não ser um livro sistemático/programático, a “Enciclopédia” fora encarada como projeto menor, embora reconhecido por refletir o esforço hercúleo de Diderot para a conclusão da obra. Entretanto, Gumbrecht destaca que a “Enciclopédia” é muito mais do que capricho resultante de um enorme esforço intelectual. Ela está em relação viva com a própria forma de Diderot estar no mundo.

Disso tudo, fica a provocação existencial, mas também epistemológica e metodológica, que os textos de Gumbrecht sempre nos incitam. Suas proposições e visadas analíticas tem se mostrado não só teoricamente pertinentes como analiticamente exequíveis. “Prosa do mundo” é mais um passo na confirmação de que Gumbrecht busca combater o problema epistemológico central da modernidade (a separação entre matéria e espírito) de modo consequente e criativo.

## REFERÊNCIAS

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A presença realizada na linguagem:** com atenção especial para a presença do passado. *História da historiografia*. Ouro Preto. N. 3, setembro, pp. 10-22, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença:** O que o sentido não consegue transmitir. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Prosa do mundo:** Denis Diderot e a periferia do iluminismo. Ana Isabel Soares (tradução). São Paulo: Ed. UNESP, 2022

Recebido em 13 de novembro de 2022  
Aceito em 10 de dezembro de 2022